

CIBERTERRITÓRIOS E MASCULINIDADES: O PAPEL DO *DISCRETO* NO APLICATIVO *SCRUFF*

*Cyberterritory and masculinities:
the role of “discreet” in Scruff app*

Daniel Gevehr Keller*
Denise Castilhos de Araújo**
Aline Corso***

RESUMO

As relações digitais ainda constituem um campo de pesquisa relativamente novo se comparado aos séculos de estudo nas áreas de antropologia social. No entanto, as dinâmicas que permeiam este espaço se mostram influenciadas pela mesma normatividade que rege as relações do universo material, criando correspondências comportamentais. Criar análises acerca das representações de gênero no espaço virtual complementam as análises realizadas nos demais ambientes sociais.

* Bolsista da Fapergs. Bacharel em Moda. Mestrando em Processos e Manifestações Culturais. Dedica-se ao desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares que atendem às áreas de Gênero, Consumo e Identidade, na Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS. *E-mail*: <danielgkeller@gmail.com>.

** Doutora em Comunicação Social. Professora no Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e nos cursos de Comunicação Social e *Design*. Pesquisadora no Grupo de Estudos Cultura e Memória da Comunidade na Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS. *E-mail*: <deniseca@feevale.br>

*** Mestranda em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale. Bolsista Prosup/Capes. Bacharela em Tecnologias Digitais pela UCS. Professora no curso técnico em Programação de Jogos Digitais da FTEC. Dedica-se ao estudo da cibercultura e arte computacional, na Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS. *E-mail*: <aline.corso@gmail.com>.

Revisão ortográfica e técnica: os autores

Data da submissão: 02/abril/2015

Data da aprovação: 28/abril/2015

Assim, se busca compreender como se dá a normatividade sobre as representações masculinas em aplicativos móveis. Também se empenha em entender de quais formas a característica do “ser discreto” torna-se um ponto positivo para o homem homossexual, como forma de reforçar as características do masculino padrão. Para a realização do estudo, se aplicou um questionário *online* aos usuários do aplicativo *Scruff*, com o intuito de identificar as representações do gênero masculino materializadas também no ambiente virtual.

Palavras-chave: Cibercultura. Ciberterritório. Masculinidades. Normalização. *Scruff*.

ABSTRACT

The cyberterritories are part of a relatively new search field if it was compared to the centuries of studies in the social anthropology area. However, the dynamics that permeate this space are directly influenced by social norms – it proves how it is connected to the contemporary society, creating behaviour matches. Therefore, create a gender representation analysis in this space can complete performed analysis on the other social spaces. So, we try to understand how is this men representation normativity in mobile app that build a cyberterritory. We also try to understand in which ways the “discreet” adjectives become a positive thing to a homosexual man, as a way of strengthen the normative male qualities, resuming a stereotype feminine qualities discrimination. To conduct this research, we use an online questionnaire to users of the Scruff App, as a way of understand in which ways the male gender representations are embodied in the cyberterritories.

Keywords: Cyberculture. Cyberterritory. Masculinities. Standardization. Scruff.

1 Introdução

A sexualidade masculina ocupa importante papel dentro das estruturas sociais contemporâneas – uma vez que a sociedade patriarcal faz uso dela para que possa direcionar outras tantas dinâmicas sociais, como políticas, econômicas e jurídicas, por exemplo. A adequação das representações de gênero ao padrão normatizado pelos grupos hegemônicos, portanto, pode influenciar diretamente e de forma fundamental nos modos de vida das identidades ditas masculinas.

Mesmo para indivíduos homossexuais, a adequação ao padrão hegemônico (branco, heterossexual e viril) tem se demonstrado uma força importante, exercida pela sociedade. A aparência masculina e a virilidade, portanto, deixam de ser uma preocupação exclusiva dos homens heterossexuais e passam a influenciar nos preconceitos e nas

marginalizações, inclusive, dentro de grupos de homens homossexuais. A hipótese de resposta a esse comportamento se explica na importância da manutenção dos valores ditos genuinamente masculinos para todas as identidades ligadas a essa categoria – sejam elas trans ou cisgênero.¹ Essa situação reflete, portanto, a importância do distanciamento do feminino, conforme já previu Bourdieu (2014) e reforça os preconceitos sobre comportamentos delicados, sexualidade passiva, emotividade e outros.

Como manifestação comportamental das representações identitárias masculinas homossexuais, as redes sociais móveis, baseadas em geolocalização – especificamente neste artigo, o aplicativo *Scruff* – surgem como uma ferramenta de interação entre usuários. Esses aplicativos são instalados em *smartphones* e *tablets* e procuram usuários próximos de quem realiza a busca. Essa investigação lista os usuários, mostrando suas fotos e *nicknames*² em ordem de aproximação, com o intuito de revelar quem pode ser mais facilmente encontrado presencialmente. O *Scruff* faz parte de um nicho de mercado de aplicativos voltados, exclusivamente, ao público de homens que buscam outros homens de forma sexual ou afetiva.³

O crescimento da procura por aplicativos como o *Scruff* demonstra a importância do uso de espaços de encontro que não precisam, necessariamente, expor fisicamente os interessados em encontrar outros homens. Considerando a marginalização que homens gays ainda sofrem na sociedade contemporânea, a escolha por buscar parceiros dessa forma, de algum modo, preserva a vida pública do usuário, sem comprometer, necessariamente, o fato de ser (ou não) um homossexual socialmente assumido.

Os espaços criados por tais redes sociais possibilitam a vivência da sexualidade em territórios neutros, pretensamente não influenciados por preconceitos e julgamentos. Assim, os ciberterritórios⁴ se desenvolvem a

¹ Transgêneros são todas aquelas identidades de gênero não adequadas ao corpo físico ou que seja diferente do gênero designado no nascimento. O termo também pode ser aplicado às pessoas que estão em transição de gênero ou que não aceitam as categorias socialmente estabelecidas. Do contrário, cisgênero consiste nas identidades heterossexuais, ou seja, que possuem sua identidade de gênero adequada ao corpo físico, segundo a doxa cultural ocidental.

² Do inglês: apelido. Muito utilizado para identificação de usuários na internet.

³ Além do *Scruff*, estão disponíveis para *download* outros aplicativos com a mesma funcionalidade, tais como o *Grindr* e o *Hunters BBS* que, segundo os sites dos programas, estão exclusivamente voltados ao público homossexual masculino. No entanto, o mercado também dispõe do *Tinder* que tem como diferencial a presença de pessoas das mais variadas orientações sexuais.

⁴ Este artigo denominará como ciberterritório o campo conceitual projetado pelas redes sociais móveis (RSM) no qual existe uma interação entre os usuários do aplicativo, seus

partir dessas mídias, possibilitando novas territorialidades – paralelas ao e diferentes do cenário material. O ciberterritório sofre influências das dinâmicas sociais, uma vez que nela está inserido, mas faz uso de outras estratégias para sua manutenção.

Analisar as manifestações dos usuários masculinos gays em aplicativos como o *Scruff* se torna importante, uma vez que descrevem relações sociais e manifestam suas representações para com suas identidades de gênero. Essas análises podem servir de base para o entendimento de processos culturais que acontecem tanto no ambiente material quanto no virtual.

A fim de realizar a segunda etapa de modo satisfatório, ou seja, com o intuito de compreender as manifestações e representações identitárias de gênero dos usuários nos ciberterritórios, foi disponibilizado um questionário *online*, elaborado a partir da ferramenta *Google Docs*, direcionado a usuários do aplicativo *Scruff*. O questionário continha 12 perguntas, (2 demográficas e 9 específicas) sobre o uso. Das 9 questões sobre o uso do *Scruff*, 5 eram abertas e as demais eram de escolha simples ou múltipla escolha. Tal questionário foi divulgado entre os dias 1º e 5 de novembro de 2014, via publicações nos perfis pessoais dos autores no *facebook*, contendo pedido para que a publicação fosse compartilhada. As publicações foram compartilhadas num total de 9 vezes. Os resultados, abaixo discutidos, baseiam-se nas respostas obtidas através de 18 respondentes – fato que torna esta pesquisa não probabilística.

2 Masculinidades padrão

As definições de gênero estão ligas às representações sociais ou culturais, ou seja, ser homem ou ser mulher são condições que se relacionam com comportamentos sugeridos pelos grupos sociais. Como consequência, as representações de gênero e de identidade que rompem a adequação (ao corpo físico) podem sofrer certa marginalização. Butler (2003) explora o conceito *normas reguladoras* no sentido de que elas consolidam o imperativo heterossexual. Assim, essas normativas trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos – e elegem essa materialidade como ponto fundamental para a constituição da identidade de gênero.

O sistema gênero/sexualidade passa a ser reconhecido como “representação ou como autorrepresentação”, portanto, produto das

interesses de aproximação social e as territorialidades materiais (estas últimas são convertidas em territorialidades virtuais à medida que a interação se dá através da rede social). Esse conceito será elaborado com mais profundidade mais à frente, neste artigo.

tecnologias sociais (FOUCAULT, 1988) – cinema, discursos institucionais, epistemologias e práticas críticas. Existem correlações entre corporalidades, gêneros e práticas discursivas; assim, “discurso, gênero e corpo são inseparáveis”. (TORRAS, 2007, p. 25).

Foucault (1988) conceitua as relações de gênero e sexualidade entendendo-as como um conjunto de efeitos produzidos nos corpos e nas relações sociais. O mesmo conceito influencia na noção de identidade, uma vez que está relacionada a um corpo externo (fora) – que, por sua vez, define-se por seus próprios limites de interior dos sujeitos e das superfícies corporais. (FUSS, 1999).

Bourdieu (2014, p. 21) torna claro o papel da definição de gênero como engrenagem de funcionamento dos “esquemas de percepção, de pensamento e de ação”. Especificamente tratando da masculinidade, o autor convoca as relações com a virilidade como fator determinante sobre a visão do que é “ser homem”.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qualidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem. (BOURDIEU, 2014, p. 25).

A definição dos papéis sociais masculinos é permeada pelo processo de construção simbólica. Essa determinação, no entanto, não se dá somente pelo caráter performativo, mas também com relação às questões de representação. O homem, portanto, encarna um *habitus*, dado através da cultura que estabelece suas dinâmicas e, além disso, as suas percepções e o uso de seu próprio corpo.

A busca por uma musculatura forte, por exemplo, é uma forma de diferenciar o corpo masculino do corpo feminino – fato que, segundo Bourdieu (2014), está diretamente relacionada à separação do corpo da mãe, sob a ótica psicanalítica proposta por Melanie Klein. Essa diferenciação é tão fundamental para o gênero masculino que inicia desde o corte de cabelo aos moldes da figura paterna ou da referência masculina em questão. O trabalho de virilização (ou de desfeminização) reforça, portanto, as questões de honra e força – enquanto se faz grande, volumoso, capaz de preencher, seco, racional e ereto. (BOURDIEU, 2014).

Mesmo com uma prática sexual diferente do homem heterossexual, a identidade masculina gay também apoia a sua representação de gênero nos padrões normativos sociais, uma vez que vê no corpo uma das formas de afirmação da sua existência como indivíduo. A representação, nesse sentido, é aplicada ao discurso identitário de modo a permitir observar o mundo e estabelecer os sujeitos dentro de determinado interesse.

Quando Chartier (2002) desenvolve seu conceito sobre representação, deixa claro que existe nela um papel de forjar a realidade, de modo a se construir a partir de categorias de percepção. A elas o jogo de poder e a variabilidade são características intrínsecas. Para todos os discursos de representação, inclusive sobre construções de identidades masculinas, não existe neutralidade. (CHARTIER, 2002). Procurar ou dispor de determinado tipo de corpo, bem como ser um homossexual *discreto* demonstra a produção estratégica e práticas regidas pelas dinâmicas sociais de normatização. Portanto, é criada certa autoridade e hierarquização favorável àquelas representações de gênero coerentes com o conceito imposto como adequado.

Quando a sociedade pressiona ou influencia sujeitos como um meio de impor sua forma de pensar o mundo, criando marginalizações de “dentro e fora” de grupos ou de comportamentos, está, na verdade, legitimando as lutas de representação. Esses conflitos de representação de gênero, por sua vez, são vistos como tão importantes quanto as decisões econômicas, tão decisivos quanto imateriais. (CHARTIER, 2002).

As primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens em que essas coisas foram integradas. O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas — mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam atos que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades — tanto a dos outros como a sua. (CHARTIER 2002, p. 18).

A construção das representações identitárias, portanto, influencia na materialização dos gêneros à medida que não determina somente os atos individuais, mas também do *outro* e, portanto, dos grupos. Nessa dinâmica, está dado, também, o discurso da opressão sobre corpos masculinos feminilizados, destacando a *discrção* do homem homossexual como forte atrativo na busca de parceiros ou na socialização dos sujeitos.

Ser discreto está diretamente ligado à não demonstração da orientação sexual homossexual. Em seus estudos, Miskolci (2013, p. 308) destaca o papel da demonstração da masculinidade. Afirmando que a

masculinidade compreendida como a identificação com os valores dominantes que a qualificam como hierarquicamente superior ao feminino e os alça [os homens] ao compartilhamento do poder sobre as mulheres.

O uso do ciberespaço – salas e bate-papo e redes sociais móveis (RSM), por exemplo – é uma estratégia de socialização recorrente para aqueles homens influenciados pela estrutura hierarquizada e com receio em deixar transparecer o seu comportamento homossexual. Esse comportamento se dá, pois, diferente do ambiente material, existe uma parcial sensação de sigilo, portanto, ideal para os perfis ditos discretos. Nos estudos de Miskolci (2013) sobre o comportamento de homens em salas de bate-papo na internet, também se percebe uma busca por representações identitárias que não se assemelham ou tenham traços femininos.

Os usuários que se apresentam como *Brother* e Macho têm em comum um culto da masculinidade dominante que se revela na forma como falam (têm ou buscam apresentar voz grave, uso de gírias “masculinas” e palavrões), se vestem (usam roupas esportivas no cotidiano e se vestem com certa formalidade no trabalho), em sua corporalidade (usam cabelo curto, barba, cavanhaque, alguns têm tatuagens) e, sobretudo, em valores que reiteram em suas falas como discrição, maturidade e honra associados a um claro desprezo compartilhado com relação a “efeminados”, definidos por eles como os que parecem *gays* ou são “assumidos”. (MISKOLCI, 2013, p. 309).

De forma predominante, ocorre a busca por parceiros com características físicas que remetam à virilidade, à masculinidade, à maturidade, à estabilidade profissional e ao uso de gírias consideradas mais masculinas. No entanto, da mesma forma, existe uma sujeição das representações identitárias de gênero que demonstram alguma característica feminina.

Tanto nas interações no *chat* quanto em seus anúncios em *sites* é possível reconhecer o que associam a “efeminados” em afirmações como: “*Não curto pessoas idiotas nem afeminados*”, “*Tô fora de afeminado e drogado de plantão*”, ou ainda, “*Tô fora de viados da noite, bichinhas afetadas ou que se dizem machos e na hora vêm com aquela roupa fashion e com aquela voz de pato*”. (MISKOLCI, 2013, p. 310, grifo do autor).

Ser discreto é, portanto, não exteriorizar a identidade homossexual, ou seja, ater-se à adequação estabelecida pela doxa cultural. O conceito de normatividade foi aplicado aos estudos sobre masculinidade desenvolvidos por Bourdieu (2014), mas também surge nos trabalhos de Miskolci como “um conjunto de normas e convenções sociais que classifica e hierarquiza as relações como lícitas ou ilícitas, puras ou impuras”. (MISKOLCI, 2013, p. 315). A mesma ideia de adequação é tratada por Fuss (1999) que contribui aos estudos de gênero explorando a construção da normalidade cultural, questionando as práticas sociais de exclusão ou marginalização – relacionando às ideias de “dentro/fora”. Assim, cada sujeito passa a ter um corpo político, adequado ao marco social, ou não, resguardado de direitos ou que sofre alguma forma de exclusão. A lógica normativa, portanto, “engloba a estrutura da linguagem, a representação e a subjetividade; designa, também, a estrutura de exclusão, a opressão e o repúdio”. (FUSS, 1999, p. 114).

O ciberterritório acaba por criar outras alternativas discursivas para as representações de gênero, oportunizando doxas com novas regras ou com as mesmas regras aplicadas de forma específica. Villaça (2007, p. 42) retoma o trabalho de Haraway (2009) trazendo as novas relações entre o corpo natural e o construído, afirmando que “a réplica dos *cyborgs* não se identifica com a reprodução orgânica. Como mapeamento ficcional de nossa realidade social e corporal, os *cyborgs* são uma fonte imaginativa. “A biopolítica foucaultiana seria uma premonição flácida da política dos *cyborgs*”. (VILLAÇA, 2007, p. 42). O *cyborg*, na ótica de Couto (2012), é uma ficção que abarca a nossa realidade social e corporal, local de reunião entre o orgânico e o mecânico, a natureza e a cultura, o original e o simulacro e a realidade social e a ficção. É um recurso imaginativo diante dos múltiplos acoplamentos frutíferos que fazem parte da nossa vida. O *cyborg*, como novo modelo corporal, também entra em contato íntimo com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e possui uma subjetividade associada a uma combinação física e mental do biológico com o tecnológico (COUTO, 2012), ou seja, os corpos estão desmaterializados.

O corpo, como subsistema cultural (VILLAÇA, 2007), é usado pelos sujeitos como uma forma de criar valores, adequação e interação com o espaço social – físico ou digital. Existe, portanto, influência dos corpos criados no ciberterritório sobre as representações de gênero dos usuários de aplicativos como o *Scruff*, por exemplo. Coloca, então, o masculino homossexual discreto como superior às demais representações de indivíduos transgênero, uma vez que está adequado à normatividade padrão e aparentemente “dentro” do grupo hegemônico.

Segundo Couto (2012, p. 119), para o homem ocidental, o corpo se tornou o lugar da sua identidade e modo de ser.

A urgência do músculo parece generalizada. Já não diz respeito a um grupo que valoriza a máxima: “se você é um homem de verdade, deve parecer maior e melhor do que é”. O músculo é um modo de vida. A confecção de uma autoimagem valoriza a cultura desportiva, profissional ou de fins de semana – e suas técnicas de gerenciamento do corpo. (COUTO, 2012, p. 126).

Como a cultura em nossa época é *ciber*, os sujeitos e as identidades são elaborados por meio de ambiguidades e de dilemas que libertam os corpos de antigos “aprisio(r)amentos”⁵ e, simultaneamente, criam outras disciplinas e perturbações, sobretudo por meio de aceleradas conexões e redes digitais.

3 O *cibere* o espaço para *revelar-se*

O ciberespaço, também chamado de rede, é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, não havendo necessidade da presença física do homem para compor a comunicação e nem limitar-se apenas à internet, mas se estendendo a outras esferas da relação homem-tecnologia, como celulares, *smartphones*, *paggers*, etc. (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999). Para Lévy, o termo *ciberespaço* não especifica apenas a “infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. (1999, p. 17). Através do ciberespaço, torna-se “possível que comunidades dispersas possam comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória na qual cada membro lê e escreve, independentemente de sua posição geográfica” (1999, p. 96) e, segundo a perspectiva de Guimarães Júnior (1999, p. 142), “o ciberespaço também configura-se como um *locus* de extrema complexidade”, possuindo grande número de ambientes de sociabilidade dos quais se estabelecem variadas formas de interação:

Mais do que um meio de comunicação [...] oferece suporte a um espaço simbólico que abriga um leque muito vasto de atividades de caráter societário, e que é palco das práticas e representações dos diferentes grupos que a habitam. (1999, p. 142).

⁵ Para Couto (2012) existe um dilema importante aplicados ao uso de ferramentas e aplicativos como uma construção ou representação identitária. Nesse caso, a ferramenta que adorna é a mesma que aprisiona.

Nesse sentido, podemos observar o conceito de redes sociais que são uma estrutura de entidades conectadas umas às outras através de um ou mais tipos específicos de interdependência (WASSERMAN; FAUST, 1994), tais como amizade, parentesco, interesses em comum, etc. Para a pesquisadora brasileira Recuero (2009), as redes sociais na internet são constituídas de representações (individualizadas e personalizadas) dos atores sociais e de suas relações e permitem aos usuários:

- (1) construir um perfil público ou semi-público dentro do sistema;
- (2) manter uma lista de contatos e se comunicar com os membros dessa lista e estabelecer elos para futuras interações;
- (3) consultar sua lista de contatos e de outros amigos e conhecidos dentro do sistema. (BOYD; ELISSON, 2007).

Como consequência da popularidade de redes sociais e do uso de dispositivos móveis, surgem as RSMs, subclasse das redes sociais na internet, das quais os usuários utilizam serviços baseados em localização (GPS⁶), exibindo informações de localização e podem “acessar (ler), publicar (escrever ou inserir) e compartilhar (retransmitir ou divulgar) conteúdos criados por si mesmos ou obtidos através de sensores no dispositivo móvel para a exploração de suas relações sociais”. (TELES, et al., 2013, p. 53).

Novos territórios são criados através do ciberespaço e das RSM. O virtual é a extensão do real. Na rede, diversos grupos de pessoas se identificam e passam a ter uma relação afetiva com um espaço virtual, que é, de fato, o próprio espaço geográfico, só que na dimensão global (SILVA, 2004). Os ciberterritórios⁷ podem ser compreendidos como o campo conceitual projetado pelas RSMs no qual existe uma interação entre os usuários do aplicativo, seus interesses de aproximação social e as territorialidades

⁶ Do inglês *global positioning system* que pode ser traduzido como *sistema de posicionamento global*. Esse sistema trabalha com localização geográfica e consegue posicionar os usuários sobre sua localização.

⁷ Lemos (s.d.) utiliza o conceito de cibercidades: “As cibercidades podem e devem potencializar as virtudes da cidade real e ampliar as formas de comunicações entre os cidadãos, já que são espaços de fluxo dentro da nova ordem tecnológica [...]. As cibercidades atendem assim, ao crescimento da insegurança social, a instalação de não-lugares e ao fluxo comunicativo crescente, transformando-se em uma espécie de salvação das cidades reais, onde predomina o espaço de lugares. Elas podem ainda facilitar, pelo anonimato, que os indivíduos liberem-se de todo constrangimento identitário e possam aproveitar a desterritorialização de suas subjetividades onde estar em casa não significa estar isolado do mundo, podendo flunar pelo ciberespaço e entrar em contato com o outro. Sabemos que toda cidade é construída a partir de

materiais (estas últimas são convertidas em territorialidades virtuais à medida que a interação se dá através de rede social).

A internet e as tecnologias digitais contemporâneas, desde a internet fixa até as tecnologias móveis atuais, permitem, efetivamente, a vivência de processos desterritorializantes, mas, ao mesmo tempo, de controle informacional, ou seja, de criação de territórios. Podemos ver processos desterritorializantes no total da imobilidade, [...] assim como processos territorializantes na mobilidade, como o mapeamento de territórios via GPS ou telefones celulares. Um indivíduo, por exemplo, pode estar imóvel, em sua casa, mas desterritorializado, ao experienciar eventos que não fazem necessariamente parte de sua cultura (pela TV ou hoje pela internet). Por outro lado, um executivo que viaja com um *laptop* e um celular está em mobilidade, mas, ao mesmo tempo, controlado e, assim, territorializado pelo monitoramento informacional exercido pela estrutura empresarial. (LEMOS, s.d.).

O *Scruff* (figura 1) é uma rede social móvel com foco na utilização da geolocalização para fins de relacionamento. O aplicativo, cujo nome foi dado em homenagem a um de seus criadores – Johnny Scruff – permite ser instalado gratuitamente em *smartphones* e *tablets* compatíveis com o sistema operacional iOS®, Android® ou Windows Phone®. O serviço – cujo foco é o público masculino gay, bissexual ou curioso⁸ – possibilita aos usuários visualizarem outros usuários em âmbito global ou que estejam nas proximidades. Através dele, é possível trocar mensagens, adicionar usuários, agrupá-los em uma lista de “favoritos”, compartilhar fotografias e realizar busca por perfis específicos, com o objetivo de promover encontros.

Ao criar um cadastro no aplicativo, o usuário deve preencher tópicos relacionados ao seu perfil (como características físicas, comportamentais, subgrupos demográficos), bem como ao tipo de parceiro que busca (preenchendo os mesmos campos).

fluxo de informação, mas, pela primeira vez, os fluxos de informação numérica por redes telemáticas planetárias influenciam a configuração das trocas sociais e comunicativa nas cidades.” Disponível em <<http://goo.gl/C5qtSB>>. Acesso em: 6 de nov. 2014.

⁸ Para os grupos *gays*, a palavra *curioso* é aplicada aos homens que se sentem atraídos por outros homens, mas que ainda não tiveram uma experiência sexual real.

Figura 1 – Aplicativo *Scruff*

Fonte: *Scruff*, 2014.

O *Scruff* foi lançado em 2010, nos Estados Unidos, e conta, atualmente, com 5 milhões de usuários. O Brasil é o segundo país com número de usuários ativos, ficando, inclusive, na frente de países como Reino Unido e Espanha; três cidades brasileiras estão entre as mais populares no aplicativo: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. (RUIÇ, s.d.). Os usuários brasileiros, em um primeiro momento, utilizavam o aplicativo em inglês e ajudaram a traduzir para o português, fato que impulsionou a criação de uma filial do escritório da empresa no País.

Para Recuero (2009) a comunicação mediada por computador traz aspectos importantes para as relações sociais, como o distanciamento entre as pessoas envolvidas na construção dessa relação. Donat (apud RECUERO, 2009), fundadora do *Sociable Media Group* do MIT,⁹ afirma que a percepção do *outro* é essencial para a interação humana, portanto, devido à ausência de informações no ciberespaço, as pessoas são julgadas e percebidas pelas suas palavras, logo é preciso “colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia”.

⁹MIT. Disponível em: <<http://smg.media.mit.edu>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

Compreender como os atores constroem esse espaço e que tipo de representações e percepções são colocadas é fundamental. Outro elemento importante do estudo dessas apropriações como representações e extensões do espaço social dos atores é a percepção de quem são os atores. Esses espaços são sim espaços de expressão e de construção de impressões. Donath (2000) aponta que grande parte do processo de sociabilidade está baseada nas impressões que os atores sociais percebem e constroem quando iniciam sua interação [...]. Essas impressões são em parte construídas pelos atores e em parte percebidas por eles (GOFFMAN, 1975) como parte dos papéis sociais. Ribeiro (2005) defende que essas representações são possíveis graças à possibilidade de interação dos ambientes no ciberespaço. Através da comunicação entre os atores no ciberespaço, afirma o autor, é que a identidade desses é estabelecida e reconhecida pelos demais. (RECUERO, 2009, p. 28).

A internet e as RSMs se revelam ferramentas com características próprias, e seu uso por esses homens se associa ao exercício de uma masculinidade sob constante ameaça. A aparente segurança *online* não tem paralelo no *offline*, daí os relatos de manobras para evitar o risco de que suas relações com outros homens exponham-nos ao escrutínio de conhecidos. Essa dinâmica revela a importância do pertencimento ao padrão hegemônico previsto na doxa cultural no que se refere às masculinidades padrão.

4 Discreto e adequado: análise das representações de usuários do aplicativo *Scruff*

Nessa etapa, são discutidas as informações dadas pelos entrevistados, 18 homens, obtidas a partir da análise dos questionários disponibilizados *online*, como mencionado neste artigo. Os objetivos, aqui, são comparar discussões teóricas (relatadas neste artigo) com a percepção dos usuários do *Scruff*, analisar as especificidades das representações de gênero no aplicativo móvel, bem como conhecer seus comportamentos na busca de parceiros.

Com relação às informações demográficas dos resultados, percebe-se a predominância de usuários respondentes mais jovens – as duas primeiras faixas etárias estabelecidas na pesquisa (de 18 a 24 anos e de 25 a 31) apresentam 7 respondentes cada. Não houve respondentes acima de 39 anos e nem abaixo de 18 anos,¹⁰ sugerindo a possibilidade de um estudo posterior sobre a efetividade de uso exclusiva para essa faixa etária.

¹⁰ O aplicativo solicita que os usuários sejam maiores de 18 anos, justificando esse dado.

A predominância das faixas etárias mais jovens pode ser influenciada tanto pela maior recorrência de busca de parceiros, como também pela aderência ao uso de tecnologia. O uso de aplicativos instalados em dispositivos móveis ainda é nova para a população brasileira, e tem uma maior representatividade em usuários mais jovens, como concorda pesquisa aplicada neste estudo.

Os questionários foram respondidos por indivíduos de todas as regiões brasileiras, tendo destaque a Região Sul do Brasil¹¹ com 10 respondentes.

A maior parte dos respondentes, ou seja, 10 pessoas usam o aplicativo há mais de um ano, demonstrando domínio da ferramenta e, provavelmente, um número considerável de experiências de uso. Esse dado também sugere que o aplicativo atende, de certa forma, às necessidades de seus usuários, fato que justifica seu uso contínuo.

Quando questionados sobre o objetivo de uso do *Scruff*, o resultado que recebe destaque na alternativa “para marcar encontros casuais” – com 11 escolhas dos respondentes. Em segundo lugar, os resultados correspondem a 2 respostas “para monitorar conhecidos” e “para buscar um relacionamento”. Respostas como “para criar amizades” e “para promover a sua vida social” foram escolhidas por apenas 1 usuário cada. As alternativas “para manter contato com os amigos” e “para ter encontros fora do seu relacionamento” não foram escolhidas por nenhum usuário.

As respostas à entrevista estão compiladas dentro do quadro 1 apresentado a seguir.

¹¹ Essa característica pode ter sido influenciada pelo fato de que os autores também residem na Região Sul do Brasil e fizeram uso de suas redes sociais para a divulgação da pesquisa.

1-400-14	de 25 a 31 anos	Sudeste	Menos de 6 meses	Para monitorar os contatos	Sim	Músculos definidos, Ser discreto, Ser jovem, Praticar exercícios físicos, Ser ativo.	Discreto	Urno, Militar, Atletas, Músico, Discreto	Nunca marquei encontros via <i>Scrym</i>	Gosto de um perfil perto que: - descreve melhor o que procura, diz que a pessoa deve desenvolver uma boa conversa e que a pessoa deve ser direta. - explicitou onde mora e onde trabalha (ok, isso é meio estranho, mas pelo menos demonstra que ele tenta ser transparente) - tem uma foto de rosto ao invés de volume da cueca ou abdômen truncado.	Amizade sincera e colanda	Urno, Militar, Atleta, Músico, Corso
2-400-14	de 18 a 24 anos	Centro-Oeste	Mais de 1 ano	Para promover a sua vida social	Não	Inteligência, Músicos definidos, Ser discreto, Demonstrar alto poder aquisitivo, Praticar exercícios físicos.	Em branco	Atleta, <i>Méd.</i> , Universitário, Garoto	Nunca marquei encontros via <i>Scrym</i>	Urno, Travagem, "bebêca aberta"	Alguém legal, sincero, bom nível de educação e que esteja disposto a relacionamento	Militar, Atleta, Músico, Garoto, Discreto
2-400-14	de 18 a 24 anos	Nordeste	Mais de 1 ano	Para buscar um relacionamento	Sim	Músculos definidos, Ser jovem, Demonstrar alto poder aquisitivo, Praticar exercícios físicos.	Atleta, Universitário, Garoto, Discreto	Atleta, Músico, Universitário, Garoto, Corso	Coerente em grande parte	<i>Méd.</i> , Universitário, Atleta	<i>Méd.</i> , Universitário	Urno, Militar, Músico, <i>Méd.</i> , Corso
2-400-14	de 25 a 31 anos	Sul	Menos de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Não	Inteligência, Músicos definidos, Ser discreto, Dominar um segundo idioma, Praticar exercícios físicos.	<i>Méd.</i> , Universitário, Garoto	Atleta, Músico, <i>Méd.</i> , Universitário, Garoto	Coerente em grande parte	Boa aparência, Usar barba, Ser magro	Garoto, Discreto	Músico, Garoto, Discreto
2-400-14	de 25 a 31 anos	Sul	Mais de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Sim	Carisma, Inteligência, Ser jovem, Praticar exercícios físicos, Rosto bonito	<i>Músico</i> , <i>Geek</i> , <i>Collegé</i>	<i>Jocke</i> , <i>Músico</i> , <i>Collegé</i> , <i>Dadites</i> , <i>Discret</i>	Coerente em grande parte	Um dos usuários perto de mim seria bem o meu perfil - moreno, musculoso, de Barba. Os atributos físicos são primários. O que segre seria o que eles escrevem (o que poucos fazem) - mas esse escreveu algo bastante interessante - "a veracidade	<i>Beaz</i> , <i>Jocke</i> , <i>Músico</i> , <i>Collegé</i> , <i>Dadites</i>	<i>Bears</i> , <i>Jocke</i> , <i>Músico</i> , <i>Collegé</i> , <i>Dadites</i>

06.32 a 38 anos	2-4000-14	Sul	Menos de 6 meses	Para marcar encontros casuais	Sim	Inteligência, Músculos definidos, Ser discreto, Ser jovem, Praticar exercícios físicos	Universitário, Médico, Universitário, Discreto	Universitário, Garoto, Discreto	Coerente em grande parte	gentleman with an matched congeniality". Quero.	Discreto	Discreto
06.25 a 31 anos	2-4000-14	Sul	Menos de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Não	Músculos definidos, Ser discreto, Ser jovem, Demonstrar alto poder aquático, Praticar exercícios físicos.	Em branco	Músculo, Militar	Completamente coerente	Gosto de ler Curto cinema Gosto de viajar.	Músculo, Militar, Discreto, Universitário	Só phodda*
06.32 a 38 anos	2-4000-14	Sul	Menos de 1 ano	Para monitorar os conhecidos	Sim	Músculos definidos, Ser discreto, Demonstrar alto poder aquático, Praticar exercícios físicos, O aspecto sexual e não todo o conjunto.	Em branco	Esportes, Sexo, Festas	Nunca marquei encontros via Snapchat	Não estou no Snapchat e em busca de nada além de monitorar meu namorado. Infelizmente meus relacionamentos anteriores me mostraram que não se pode confiar em ninguém. Mesmo que estivesse solteiro não o utilizaria para conhecer pessoas, mas sim para filtrar aquelas que não sejam a pessoa que eu quero. A maioria não tem o perfil de parceiro que me interessa e estão em busca de aventura e coisas superficiais e fúteis. Gosto de pessoas com senso de humor, um nível cultural bacana sem ser um chato que gosta de se mostrar um intelectual. Valorizo a fidelidade, o companheirismo e o caráter em primeiro lugar. O que vive	Em branco	"Se gostar manda mensagem com foto de rosto e de pica. Depois decido se mostrarei alguma foto minha".

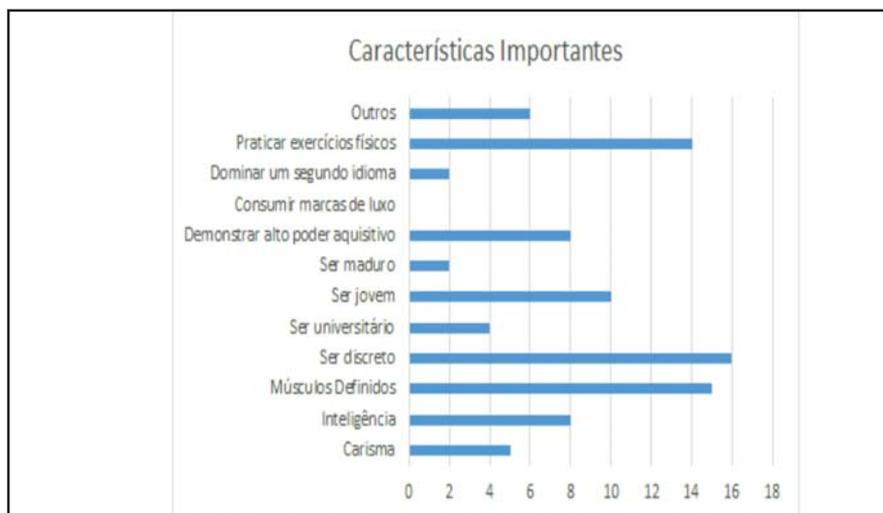
3-803-14	de 18 a 24 anos	Sul	Menos de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Sim	Carisma, Inteligência, Ser maduro, Dominar um segundo idioma, Ser bonito (o.que. não é ser jovem, nem ser musculoso, definidos, é só ser bonito mesmo hababa).	Estudante, 18 anos, speaking english, portuguese and spanish	Em branco	Coerente em grande parte	Em branco	Em branco	depois disso é lucro. O perfil que mais seria interessante pra mim é o da pessoa que quer CONHECER alguém e deixar as coisas acontecerem naturalmente e isso é raro por lá.	Em branco	Em branco
3-803-14	de 25 a 31 anos	Nordeste	Menos de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Sim	Músculos definidos, Ser discreto, Ser universitário, Ser jovem, Demonstrar alto poder aquisitivo.	"Em branco"	"Em branco"	Coerente em grande parte	"Em branco"	"Em branco"	Ativo, Nível universitário, "Sem neuras"	"Em branco"	"Em branco"
5-803-14	de 25 a 31 anos	Sul	Mais de 1 ano	Para buscar um relacionamento	Sim	Músculos definidos, Ser discreto, Ser jovem, Demonstrar alto poder aquisitivo, Praticar exercícios físicos.	Em branco	Em branco	Coerente em grande parte	Em branco	Em branco	Um	Em branco	Em branco
5-803-14	de 18 a 24 anos	Sul	Mais de 1 ano	Para marcar encontros casuais	Não	Músculos definidos, Ser discreto, Ser universitário, Praticar exercícios físicos.	Em branco	Universitário	Coerente em grande parte	Em branco	Em branco	Universitário, bonito, inteligente	Em branco	Maduro

Além das fotos escolhidas pelos usuários para serem a “capa” do seu perfil, os *nicknames* também são usados como forma de construir uma identidade dentro do ambiente do aplicativo. Os termos escolhidos podem tanto ser nomes próprios (reais ou não), como informações sobre características pessoais ou de modo de vida. Com relação à influência dos *nicknames* para a atratividade do perfil, 12 entrevistados consideram que a informação que consta nele pode criar maior ou menor interesse com relação a ele.

Os *nicknames*, nesse contexto, passam a compor um importante elemento de identificação entre usuários. A escolha da imagem e do seu “nome” no perfil pode estar diretamente ligada ao objetivo escolhido para a autorrepresentação daquela identidade de gênero. Portanto, justifica-se a variabilidade de *nicknames* que podem ser compostos por descrições físicas, como o tamanho do pênis, a preferência por ser ativo ou passivo ou a ocupação profissional.

Em seguida, foi solicitado que os participantes da pesquisa, elessem cinco características mais importantes para os usuários do *Scruff*, a fim de que os perfis se tornassem mais atrativos. As respostas são apresentadas no gráfico 1.

Gráfico 1 – Características importantes



Fonte: Os autores (2014).

Nessa questão, percebe-se a predominância significativa de três características: “ser discreto” (16 escolhas), “ter músculos definidos” (15 escolhas) e “praticar exercícios físicos” (14 escolhas).

A busca por um perfil masculino “que não parece ser gay” legitima a sujeição das representações identitárias efeminadas, retomando o conceito de Chartier (2002) sobre o forjamento da realidade a partir dos jogos de poder e, portanto, das identidades hegemônicas e normatizadas. Ser discreto desponta como característica fundamental para que o usuário seja escolhido como um parceiro interessante. Miskolci (2013) percebe um resultado próximo na análise dos resultados de sua pesquisa etnográfica, afirmando:

Eles temem em si próprios, nos outros e no possível parceiro toda e qualquer forma de “efeminamento”. O cerne desse medo é de que a atração por pessoas do mesmo sexo os leve a confrontar a ordem social, perdendo o privilégio do gênero masculino, o que, de certa forma, os exporia a serem humilhados e (mal)tratados como mulheres. (MISKOLCI, 2013, p. 319).

Existe uma forte busca pela representação do ideal masculino em todas as imagens descritas nos perfis, demonstrando a importância da aparência viril para os parceiros, bem como para descrever a si mesmo. A força, como o contraponto da fraqueza, é forma de inclusão desse homem que atende às exigências sociais para com a sua performance e representação de gênero.

Assim, são construídas novas plásticas corpóreas, visando gerar diferentes conformações de corpo. E, conseqüentemente, através da exposição do seu corpo “belo”, esse indivíduo pode adentrar mais facilmente e circular entre os grupos de convívio que, principalmente, compartilham com esse o mesmo gosto de estética e padrões corporais semelhantes.

Quando se vê a relevância de “praticar exercícios físicos” e “ter músculos definidos” fica clara a importância da normatização do corpo do homem. Essas preferências sugerem que existe uma definição sobre o ideal masculino, adequadas ao padrão normativo – nesse caso, forte e/ou viril. Para Bourdieu (2014, p. 79)

a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e consta a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.

As relações com a masculinidade são percebidas quando é solicitado aos participantes da pesquisa que respondam a quais são as informações que constam na autodescrição¹² do perfil dos usuários mais próximos deles.¹³ É notável a necessidade de deixar clara a adequação do perfil identitário aos padrões de masculinidade viril, com o uso de descrições como “atleta, universitário, garoto, discreto” ou “universitário, discreto”.

Ser *discreto* parece ser uma característica fundamental para os usuários do aplicativo, uma vez que, além de ser escolhida como característica importante na visão dos pesquisados, também está entre as informações escolhidas pelos próprios usuários para descrever a si mesmos. O homem contemporâneo vivencia uma realidade ambígua de pertencimento e exclusão à medida que demonstra suas (in)capacidades de adequação à masculinidade padrão. A dureza que é imposta a eles deve ser obtida através de demonstrações de coragem, força, racionalidade e inteligência, reforçando a necessidade de distanciamento das categorias vistas como femininas – compreendidas como fraqueza, delicadeza, emotividade. (BOURDIEU, 2014).

Alguns usuários descrevem seu perfil como “discreto à procura de caras discretos e fora do meio gay”, demonstrando, claramente a valorização de homens com características másculas em detrimento de indivíduos efeminados. A sujeição dessas representações identitárias de gênero masculinas, mas com características femininas se materializa através de discursos de autodescrição como: “Urso universitário buscando homens de verdade, nada contra, mas não curto afeminados.” A classificação presente nesta frase coloca como homem de verdade aquele que não tem características femininas, confirmando o fato de que “o ‘conjunto’ procurado no parceiro soma aparência física atraente, leia-se, a de uma masculinidade heterossexual, voz grave, conversa que expresse valores e experiências comuns, como manter relações com homens em segredo”.¹⁴ (MISKOLCI, 2013, p. 310).

Já com relação à descrição do campo “Gosto de”,¹⁵ o usuário pesquisado deveria descrever o texto integralmente como aparecia no perfil dos dois

¹² Essas informações são cadastradas em um campo denominado “Sou” que pode ser acessado por qualquer interessado naquele perfil.

¹³ Os pesquisados foram convidados a descrever o campo “Sou” dos 2 usuários mais próximos na sua geolocalização.

¹⁴ Para os grupos homossexuais masculinos, ser discreto pode compreender, também, possuir relacionamentos com outros parceiros homens, mas de forma não assumida, portanto, ainda discreta.

¹⁵ O campo “Gosto de” se refere ao que o usuário busca. Para responder a essa questão, os usuários precisariam entrar nas informações dos dois perfis mais próximos dele e transcrever a informação que constava no campo.

usuários mais próximos dele. Nessa questão, em 19 das 23 respostas válidas, havia alguma menção ao perfil atlético, prática de exercícios físicos ou ter músculos definidos. O desejo pela masculinidade padrão, forte e viril, é latente, caracterizando esse, e apenas esse, como um “homem de verdade”.

Ainda com relação aos perfis desejados pelos usuários, são apresentadas preferências por homens “militares”, que, além de trazerem características físicas coerentes com a imagem de masculinidade forte e viril¹⁶ retoma o papel do soldado. O fetiche por essa figura reforça as necessidades íntimas de proteção, de coragem e força, conforme prevê os estudos realizados por Lourax (1984), demonstrando rigidez e força.

Ser um homossexual discreto também é recorrente na busca de um possível parceiro. A característica apareceu também em grande parte das respostas e surgiu ligada a outras aptidões físicas, variando entre ter músculos ou fazer academia. A importância dessa característica nesse campo revela, não somente o desejo de ser um gay discreto, mas também o de se relacionar com outros gays discretos. Dessa forma, criam-se exclusões de identidade, colocando como marginais – fora – aqueles homossexuais com traços ou comportamentos ditos femininos.

Apesar de o aplicativo ser uma ferramenta de busca por outros usuários gays (vide divulgação do produto no *site* da empresa),¹⁷ 3 usuários nunca marcaram um encontro com outros. Os respondentes que afirmam nunca terem encontrado outro usuário, também responderam que possuem o aplicativo “para monitorar conhecidos” e para “promover a sua vida social”, portanto, essa relação se justifica. Para os usuários que já marcaram encontros a partir do aplicativo, em 12 casos existe uma coerência (em grande parte) nas características do perfil, mas não integralmente. O fato de que apenas 1 respondente ter afirmado que existe integral coerência entre a descrição do usuário e o perfil real, demonstra forte influência das projeções sociais nesses perfis realmente aceitos – sugerindo uma tendência dos usuários a não ser tão verdadeiros na descrição do seu perfil. Por outro lado, talvez o discurso de autorrepresentação no ciberterritório possa contar com certo despreendimento da realidade material, contando com mais liberdade.

¹⁶ Apresentadas neste artigo por Bourdieu (2014) e Miskolci (2013).

¹⁷ Frase em destaque na capa do *site*: “Conheça milhões de caras gays do SCRUFF no seu bairro e ao redor do mundo.” (SCRUFF, 2014).

Ao final do questionário, a última pergunta solicitava que o respondente descrevesse o perfil de algum usuário que lhe chamasse a atenção. Visando a uma maior liberdade de escolha, foram abertas as possibilidades de busca “global” e “por perto”.

Em alguns casos, os respondentes transmitiam o discurso de valorização do corpo e das aptidões físicas dando respostas como: “Universitários, bonitos, inteligentes”, “Nerds, universitários, atletas”, “Ursos”, “boa aparência, usar barba, ser magro”, “Maduros, gordinhos, simpáticos” ou “Discreto, atleta, universitário”. A questão que surge é “para além de um encontro casual baseado em sexo, haveria uma exigência maior com relação aos atributos comportamentais?”¹⁸

Descrente da veracidade das informações que constavam na descrição, mas demonstrando dar importância aos valores e às ideologias do perfil que o atraiu, um dos respondentes afirma:

Um dos usuários que mais me interessou tem características como “peludo”, “universitário” e “hispanico/latino”. Rapazinho bonito de 24 anos, mesma idade que tenho, com uma descrição relativamente extensa de perfil e um discurso bacana a respeito do que espera de outros usuários. Não parece ter preferência por corpos “higienizados” e nem por gente de uma classe social ou identidade masculina específica. Muitos pontos positivos numa pessoa só. Até duvido.

Esse tipo de conduta já demonstra um interesse por parte do respondente por outras características que não aquelas exclusivamente físicas. O uso do termo *higienizado* confere uma capacidade crítica mais elaborada, sugerindo que possa ser interessante uma análise de interesse de perfil a partir do grau de instrução ou idade do usuário.

Influenciado pelo estereótipo de hipersexualização aplicado aos grupos gays e deveras imbuído de uma experiência negativa do passado, outro respondente, que declarou usar o aplicativo para “acompanhar pessoas conhecidas”, responde:

Não estou no Scruff e[m] busca de nada além de monitorar meu namorado. Infelizmente meus relacionamentos anteriores me mostraram que não se pode confiar em ninguém. Mesmo que estivesse solteiro não o utilizaria para conhecer pessoas, mas sim para filtrar aquelas que não valem a pena uma vez que a grande

¹⁸ O site oficial do aplicativo endossa tais atributos, trazendo na página principal a seguinte frase: “Alguns homens no Scruff são atletas, ursos, e outros simplesmente rapazes.”

maioria não tem o perfil de parceiro que me interessa e estão em busca de aventura e coisas superficiais e fúteis. Gosto de pessoas com senso de humor, um nível cultural bacana sem ser um chato que gosta de se mostrar um intelectual. Valorizo a fidelidade, o companheirismo e o caráter em primeiro lugar. O que vier depois disso é lucro. O perfil que mais seria interessante pra mim é o da pessoa que quer CONHECER alguém e deixar as coisas acontecerem naturalmente e isso é raro por lá.

Existe, nesse discurso, uma relação interessante de distanciamento e fronteira entre o cenário material e o digital. No entanto, é curiosa a ambiguidade presente na visão sobre o namorado, que precisa ser monitorado nas redes digitais. Além disso, torna clara a sua visão com relação aos usuários e os classifica como pessoas que “não valem a pena” e “estão em busca de aventura e coisas superficiais e fúteis”.

A variabilidade das respostas é um retrato das diversas construções identitárias e representações presentes, não apenas no ciberterritório das redes sociais móveis, mas também na sociedade como um todo. Entender a dinâmica desses movimentos comportamentais é uma forma de compreender os discursos que constroem as identidades masculinas nos mais variados espaços. A ordenação das falas de cada respondente reforça a complexidade desse campo social, revelando as especificidades, bem como os tópicos ocultos da formação dos masculinos no contemporâneo.

Considerações finais

Com a realização deste estudo, foi possível perceber as correspondências da doxa cultural do território material, também nos ambientes virtuais de interação via geolocalização – aqui denominados ciberterritórios. Essa percepção reforça o sentido de interdependência entre os dois ambientes, de modo a criar correlações diretas para os seus usuários. Isso se demonstra, por exemplo, nos padrões estereotipados de beleza, mas também na hipervalorização da imagem padrão do masculino.

As formas de representação percebidas na atualidade com relação às masculinidades tende a ser, portanto, diretamente influenciadas por uma constante e declarada pressão social. Essa pressão trabalha no sentido de padronização da figura do homem, no intuito de adequá-la ao modelo de virilidade, força, poder e tantas outras citadas ao longo deste texto.

Considerando que se trata de uma área de estudos recente, existe uma demanda por mais pesquisas que possam revelar novas perspectivas de

gênero nos novos espaços relacionais da atualidade. Assim, podemos dizer que esta é uma reflexão que se preocupa com um recente campo de estudos. Mesmo com uma amostragem não probabilística, foi possível confirmar a existência de uma força de manutenção de valores ditos genuinamente masculinos para todas as identidades ligadas a essa categoria. Tal constatação se comprova na permanência pela busca de uma identidade de gênero discreta, não aparente, deixando que a sexualidade ainda seja influenciada pelos padrões culturais normativos. De forma muito específica e explícita, as práticas comportamentais no ciberterritório exigem uma camuflagem dos desejos e das orientações sexuais, colocando a norma do masculino padrão como simbolização de um *status* superior sobre aqueles que não performatizam essa identidade.

Assim, é preciso aprofundar os estudos sobre os temas discutidos no âmbito da cibercultura, criando análises específicas de vivências nos territórios digitais e suas relações com a materialidade. Adequado à abordagem interdisciplinar deste estudo, a discussão dos comportamentos sociais ligados à masculinidade tende a enriquecer a gama de possibilidades de aplicação desse objeto de pesquisa.

A curiosidade em conhecer os discursos de preferência por determinados perfis masculinos abre espaço para outra questão fundamental, qual seja, a marginalização dos grupos já marginalizados. Mesmo dentro de um discurso de minoria, de uma performance sujeitada ou, até mesmo, a impossibilidade de assumir integralmente a sua identidade, esses sujeitos continuam repetindo as mesmas falas padronizadoras e excludentes.

Referências

- BOYD, D.; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Algés: Difel, 2002.
- COUTO, E. S. *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*. Salvador: Edufba, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1988.
- FUSS, Diana. *Dentro/fora in feminismos literarios*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- GUIMARÃES JÚNIOR, Mário J. L. O ciberespaço como cenário para as ciências sociais. *Revista Ilha*, Florianópolis: UFSC, n. 1, dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/download/14652/13398>>. Acesso em: 4 nov. 2014.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LEMONS, André. *Cibercultura como território recombinate*. s.d. Disponível em: <<http://goo.gl/qmjOwA>>. Acesso em: 6 nov. 2014.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOURAUX, Nicole. Blessures de virilité. In: _____. *Le genre masculin*. Paris: 1984.
- MISKOLCI, Richard. Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-322, jan./abr. 2013.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RUIC, Gabriela. *Scruff, app de paquera para o público gay, chega ao Brasil*. s.d. Disponível em: <<http://goo.gl/NNGhik>>. Acesso em: 2 nov. 2014.
- SCRUFF. *Site oficial*. Disponível em: <<http://www.scruff.com/pt>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

SILVA, Michele T. C. *A (ciber)geografia das cidades digitais*. 2004. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-170-36.htm>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

TORRAS, Meri (Org.). *Cuerpo e indentidad I*. Barcelona: Edicions UAB, 2007.

TELES, A. S. et al. Redes sociais móveis: conceitos, aplicações e aspectos de segurança e privacidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES E SISTEMAS DISTRIBUÍDOS, 31., 2013, Brasília. *Anais...* Brasília: SBRC, 2013.

VILLAÇA, Nízia. *A edição do corpo*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Structural analysis in the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.